

RETÓRICAS CONJUGADAS: FESTIVAIS CULTURAIS, CIDADES E MODOS DE VIDA URBANOS

Paulo Nunes¹

Resumo

Festivais culturais são hoje um fenômeno contemporâneo em ascensão que tem gerado múltiplos interesses no campo da cultura, da política e do desenvolvimento urbano. Em formato de ensaio, este artigo busca investigar o tema como objeto retórico, enunciado de maneiras específicas, em determinados contextos e com determinadas intenções político-sociais. Quando alocados no ambiente da cidade contemporânea, em que medida esses eventos têm a função de criar nela o espírito ritualístico de comunidade e a sensação de pertencimento? Que tipo de espaço ativam? Que senso de coletividade celebram? Quais mecanismos regulatórios exercem? Valendo-se do debate com autores diversos ligados ao campo dos estudos culturais, o texto por vezes refere-se ao contexto europeu na abordagem de pontos específicos. O trabalho apresenta pontos importantes para pensarmos possíveis respostas às questões apresentadas, tais como: (i) o caráter festivalizante assumido hoje pelas práticas culturais, (ii) os festivais como produtos da indústria criativa, (iii) a função de âncora turística presente nos grandes eventos, (iv) o papel de catalisador econômico da cultura, (v) a associação entre imagem, requalificação urbana e novos mercados de exibição.

Palavras-chave: cidade, cultura, atividades culturais, festivais, modos de vida.

Conjugated rethorics: cultural festivals, cities and urban lifestyle

Abstract

Cultural festivals are today a contemporary phenomenon, which have been generating multiple interests in the field of culture, politics and urban development. In essay format, this paper seeks to investigate the theme from its taking as a rhetorical object, enunciated in specific ways, in certain contexts and with certain political-social intentions. When allocated in the environment of contemporary cities, in what sense these events have the function of creating in it the ritualistic spirit of community and the idea of belonging? What kind of space do they want to activate? What sense of community do they celebrate? What regulatory mechanisms do they can have? Drawing on the debate with several authors related to the field of cultural studies around these questions, the text sometimes refers to the European context in approaching specific points. This essay presents important points to think possible answers, such as: (i) the festivalizing character assumed today by cultural practices, (ii) festivals as products of the creative industry, (iii) the function of tourist anchor present in major events, (iv) the economic role of culture, (v) the association between image, urban requalification and new exhibition markets.

Keywords: city, culture, cultural activities, festivals, ways of life.

¹ Docente na Universidade Federal de Itajubá desde 2010; Doutor em Sociologia – Cidades e Culturas Urbanas pela Universidade de Coimbra (2019). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1203485209734932>.

Introdução

De cenário urbano ou bucólico, de caráter alternativo ou comercial, na área da música, das artes do corpo, da literatura ou do áudio-visual, os festivais culturais, sejam eles como forem, são um fenômeno contemporâneo em ascensão que tem gerado interesses tanto no mundo da cultura quanto nas áreas a ela interligadas, a exemplo da economia, da comunicação e da política pública. O número de eventos desta natureza aumentou de forma bastante significativa nas últimas décadas. Seu crescimento exponencial ao redor do mundo, a partir da década de 1990 (FERNÁNDEZ, 2006; GUERRA, 2010), vem gerando forte impacto na implementação de ações, formas de gestão e replicabilidade de ocorrências no setor.

No caso da música esta afirmação é sintomática: segundo Frey (2000: 98) há dez anos atrás, “o número de festivais na Europa já variava entre 1000 e 2000”, e atualmente este montante tem se acentuado cada vez mais, tanto no que se refere a tipologias e formatos, quanto em relação à localização geográfica e caracterização de públicos (FOUCCROULLE, 2009).

Entre os motivos deste incremento é possível citar, por exemplo, a maior sensibilização dos poderes políticos, nomeadamente das autarquias, que ocupa neste momento um lugar determinante no tocante à contribuição com recursos logísticos, técnicos e financeiros em prol da concretização destas atividades. Embora os festivais tenham assumido hoje o desenvolvimento econômico local (GUERRA, 2013) como uma de suas facetas principais, outra série de sentidos e propostas no que tange à expressão das identidades culturais e estilos de vida foram desdobradas a partir dele, convertendo-os em um tema polissêmico e perpassado por diferentes retóricas, todas elas interessantes para pensarmos os discursos que envolvem e entrelaçam os temas cidade e cultura.

Uma série de trabalhos vêm sendo empreendidos para percebermos melhor as diferentes representações que os festivais culturais assumiram hoje na dinâmica urbana, a exemplo do estudo de Donald Getz sobre o fenômeno das experiências e dos significados dos festivais (GETZ, 2010), e do capítulo de Michelle Duffy intitulado (Location, Spatiality and Liminality at Outdoor Music Festival) presente na coletânea organizada por Bennett et al. (2014). Tais esforços endossam a hipótese de que cada vez mais é premente refletir sobre os vínculos existentes entre festivais e modos de vida urbanos.

Antes disso, é necessário pensarmos os festivais como ativadores de participação social e cultural dos sujeitos, de espaços-tempos de celebração e partilha de valores, de ideologias, de mitologias, de crenças fundamentais na estruturação das comunidades e sociedade (GUERRA, 2010). Na área da antropologia, o festival é interpretado como ritual público; uma “carnavalização” do real face à qual os membros das comunidades participam (re)afirmando e consagrando vínculos sociais, religiosos, étnicos, nacionais, linguísticos e históricos, numa articulação entre a ontogênese dos seus valores vigentes e a sua projeção no futuro societal (BENNETT *et al.*, 2014).

Quando alocados no ambiente da cidade atual, em que medida os festivais têm a função de criar nela o espírito ritualístico de comunidade e de pertencimento tão afetos às suas formas tradicionais de realização? Que imagem de cidade veiculam? Que tipo de espaço ativam? Que senso de coletividade celebram? Embora no passado eventos desta natureza, em geral, tivessem sua origem em contextos políticos, sociais e culturais de resistência marcados pela raridade das ofertas culturais disponíveis em regimes políticos socialmente repressivos (LOURENÇO, 2005), é possível dizer que já há algum tempo, notadamente a partir dos anos 80, soma-se à sua replicabilidade outros condicionantes importantes, a exemplo da necessidade de valorização da imagem da cidade professada pela economia da cultura, da ativação turística de regiões menos desenvolvidas, da criação de circuitos econômicos que mobilizem a economia e o desenvolvimento local e, ainda da efemeridade como continuidade e reconstituição simbólica da dinâmica urbana.

Estas pistas nos permitem pensar possíveis vínculos e descontinuidades existentes no universo dos festivais culturais, fazendo destes um ponto de partida interessante para percebermos como são circunscritos hoje os modos de vida urbanos, e como eventos e cidades podem espelhar-se enquanto constructos em constante mudança. Em formato de ensaio, este artigo busca investigar o tema dos festivais a partir de sua tomada como objeto retórico, enunciado de maneiras específicas, em determinados contextos e com determinadas intenções político-sociais. Valendo-se do contexto europeu para a elucidação de algumas questões específicas, o texto está pensado a partir de duas seções iniciais (Retóricas Paradoxais e Retóricas de Exibição), que cruzam-se ainda numa terceira parte (Retóricas Conjugadas) e nas notas finais (Retóricas em Aberto).

Retóricas Paradoxais: a efemeridade e a estabilização da cidade pelos festivais

O livro *The Festivalization of Culture*, organizado por Bennett *et al.* (2014), apresenta um conjunto de capítulos em torno das relações entre várias culturas locais e globais, comunidades, identidades, narrativas de estilo de vida e do modo como são construídas as experiências no contexto dos festivais. A partir de vários estudos de caso levados a cabo na Austrália e Europa, na obra tais eventos são analisados como locais de performance e crítica de estilo de vida, de identidade e de política cultural, como veículos para a mobilização das comunidades locais e globais e como eventos espaço-temporais que determinam significados na vida das pessoas. Nele, o conceito de festivalização da cultura (BENNETT *et al.*, 2014) caracteriza-se não só pelo seu caráter global, mas também por sua diversidade, abrangendo as mais diversas áreas artísticas, culturais, lúdicas e criativas.

Seguindo a mesma direção desses estudos, é possível dizer que o festival constitui, media subjetiva e objetivamente os modos de vida das pessoas que deles participam e a eles atribuem valores de significação. A experiência e os hábitos de consumo construídos em torno desses eventos podem projetar-se não só para outras manifestações – daí o caráter festivalizante assumido hoje pelas práticas culturais (BENNETT *et al.*, 2014) – mas também para a relação do sujeito com as demais esferas de sua vida. Seu cenário espetacularizado e efêmero cria e ao mesmo tempo reproduz um tipo de experiência que espelha outras esferas da vida cotidiana. Cabe-nos a partir disso pensar como este esforço de investigação pode nos ajudar a entender a dinâmica do desenvolvimento das cidades mimetizada na forma pela qual os festivais ocorrem atualmente, eminentemente aqueles de caráter urbano.

As sensações de tempo dilatado, de transbordamento, de fugacidade e efemeridade que mais facilmente são vivenciadas nos festivais culturais vão ao encontro da quebra do princípio forma/função urbana, e podem gerar um estado de exceção. Neste sentido, os estudos de Tickle (2001) colocam em evidência o papel de aguçadores da percepção de liberdade presente nos festivais culturais. Liberdade e efemeridade fazem aqui uma potente combinação que num primeiro momento contesta a solidez característica das cidades, remetendo aos festivais o papel de desestabilizadores da ordem, de desestruturadores da rotina, de agenciadores de uma noção espaço tempo diferente daquela

vivenciada no dia-a-dia urbano. De acordo com Paula Guerra (2010), os festivais:

[...] são importantes constituintes do estilo de vida moderno, urbano, jovem e esclarecido e também espaços de "consumo total", onde estão evidenciadas as diferentes esferas de reprodução social [...]. Pensar no jogo de sociabilidades do festival leva-nos a pensar na noção de "regime de exceção", de descontrole [...] programado e organizado (regime), sem que haja contradição nos termos. o desvio (sistematicamente) programado (GUERRA, 2010: 22).

Esta citação auxilia-nos a fazer um contraponto à ideia de descontinuidade presente neste primeiro significado da ideia dos festivais. A autora expõe aí uma controvérsia importante: ao mesmo tempo que eles funcionam como regime de exceção, tais eventos são programados e organizados. Vendem a experiência metaforizada da cidade como efemeridade programada, com um conjunto de excepcionalidades organizadas, uma vez que ela pode conter esta contradição – ser fugaz e descartável sem perder seu sentido estruturado – da mesma maneira que pode representar o somatório de diferentes velocidades (VIRILIO, 1984) no engendramento do espaço urbano.

Perfazendo o sentido oposto àquele da descontinuidade, e baseados na dinâmica social contraditória da qual o desenvolvimento das cidades é partícipe, é preciso que consideremos então o festival como lógica operacional que simula a continuidade da dinâmica urbana. Vista sob uma lógica mais complexa, a experiência da vida na cidade é feita da acumulação da sequência, da combinação, da sobreposição de múltiplas efemeridades, espelhando o desenho comumente observado na montagem de programação cultural neste tipo de evento. Assim, se por um lado o festival pode representar a suspensão desta estrutura, por outro lado sua efemeridade é ela própria parte dela: fugaz, simultânea, descontínua, excepcional, tomada pela mesma contração espaço-tempo que perpassa as cidades na contemporaneidade.

Esta ambivalência pode contestar o caráter fugaz geralmente atribuído aos festivais: afinal de contas, eles transformam ou estabilizam o espaço urbano? A ideia aqui é problematizar a efemeridade como aspecto modelador do espaço, e pensá-la enquanto estabilizadora do ambiente urbano: ela própria servindo para modelar a efemeridade constituinte dos modos de vida urbanos atuais. Se a princípio existe neste argumento uma

contradição, num segundo momento ele não parece assim tão distante das cenas e situações que vemos e ouvimos diariamente. Símbolos de uma sociedade que cada vez mais se esmera na fugacidade, os festivais, tal qual outros múltiplos agenciadores do espaço urbano (materiais e imateriais), modelam nossa experiência e constroem através dela uma significação menos episódica do que a princípio tais eventos podem proporcionar.

Dessa forma, quando pensamos no processo de festivalização da cidade, podemos associá-lo aos acontecimentos, à simultaneidade, à sobreposição, ao encurtamento do tempo, à contração do espaço. O conceito da *Nuit Blanche* concebido por Jean Blaise no *Centre de Recherche pour le Développement Culturele* é paradigmático para ilustrar esta ideia. Promovido pela primeira vez na cidade francesa de Nantes no ano de 1984, este formato de evento inaugura a oferta relâmpago e intensa de programação cultural, com atividades simultâneas e distribuídas por diversos palcos simultâneos. Não por acaso, desde então seu formato tem sido replicado mundo afora através de festivais culturais de diferentes segmentos artísticos que se assemelham por estarem eminentemente inseridos no território urbano, terem ocorrência em grandes cidades, serem de periodicidade anual e com oferta de programação não superior a dois dias.

Em que medida eventos desta tipologia regulam a cidade? Como eles mediam sua relação com o sujeito? O escapismo, a fugacidade momentânea e todas as adjetivações atreladas aos festivais culturais apresentam-se aqui como pontos interessantes que qualificam a forma pela qual ocorre a produção do espaço urbano (LEFEBVRE, 2006), desenhada a partir das conjugação de retóricas que aproximam festivais, sujeitos e cidades. Abrir estes pontos para discussão implica em questionarmos de forma sistemática a maneira pela qual a participação em atividades culturais, lúdicas e criativas em geral estrutura os novos modos de vida urbanos. Na medida em que o festival cultural é hoje um fenômeno cada vez mais presente nos grandes centros, ele converte-se dia após dia em fator decisivo na fruição do espaço urbano e na modelação da experiência dos sujeitos na cidade.

Retóricas de Exibição: turismo, revitalização urbana e imagem de marca

A construção de uma imagem de marca no Festival Estoril Jazz Festival (LOURENÇO & GOMES, 2005), a função de âncora turística

exercida pelo Festival de Ferrara (TRANSFORINI, 2002) e os impactos econômicos do Festival de Cinema de Valladolid (FERNANDÉZ, 1996) conjugam três das principais retóricas associadas atualmente ao tema dos festivais culturais: imagem, turismo e valor econômico. A origem de eventos desta natureza quase não acontecem agora em contextos políticos de resistência, como antes, mas em regimes que precisam ser aquecidos dentro do grande mercado da circulação de mercadorias. Sua partilha passa a ser celebrada a partir dos requisitos de potencial turístico e econômico que a cidade tem a engendrar, e não mais necessariamente pela ritualística da comunidade, característica do sentido mais tradicional presente nesses tipos de eventos.

Estas enunciações iniciam-se especialmente durante a década de 1960, quando a cultura passa a ocupar um lugar estratégico na dinamização sócio econômica dos territórios. Aliada ao tema da regeneração urbana, além de redesenhar o imaginário das cidades no período pós 2ª Guerra, a cultura passa a ser artigo de grande necessidade para as novas agendas da política pública urbana. Se em um primeiro momento, durante a década de 1970, o “conceito de revitalização urbana é veiculado principalmente através dos temas da preservação histórica e do turismo” (KARA JOSÉ, 2007: 47), numa segunda fase o resgate das festas populares, festivais culturais e outras iniciativas do gênero passam a figurar como catalisadores dos projetos na área.

Não por acaso, as décadas de 1980 e 1990 coincidem com a grande fase de multiplicação dos festivais culturais cidades afora (FREY, 2000; FOUCROULLE, 2009), acoplando a discursividade da cultura no desenvolvimento socioeconômico associado ao turismo. A visibilidade das atividades locais no domínio da cultura ganham contornos definitivos nos fóruns, conferências e debates públicos em geral. São criados roteiros e demandas de serviço específicos, corroborando para a construção de uma retórica em comum: a cultura e o turismo passam a ser assumidos como fatores de desenvolvimento local fundamentais em vários países. (LOURENÇO & GOMES, 2005). O argumento de Waterman (1998: 60) vai ao encontro desta ideia: “a faceta cultural dos festivais não pode estar separada dos interesses comerciais do turismo, da economia local e da imagem do lugar. Em muitos sentidos, promover o festival é promover o lugar”.

O discurso do turismo associado aos festivais e à cultura como um todo sedimenta-se nos anos seguintes e alia-se ao conceito das cidades criativas, que pouco a pouco difunde-se nas agendas

políticas das instituições públicas em geral (FERREIRA, 2010). Principalmente nas duas últimas décadas, são múltiplos os planos, diretrizes e programas de avaliação oficiais de entidades ligadas ao setor em todo o mundo que adjetivaram criativamente a cidade, a exemplo do que aparece no Relatório Kea (2006):

O campo das artes é uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento local, um catalisador para o dinamismo das cidades criativas. Actua como elemento soft de localização numa política econômica local que visa incentivar o estabelecimento de empresas e pessoas talentosas. Ajuda a reforçar a integração social e assegura coesão territorial. É um atrator turístico de grande sucesso. (RELATÓRIO KEA, 2006: 35).

Tal documento serve de base para o planejamento da cultura na Europa, e trata-se de um bom exemplo da captura deste campo pelo discurso das cidades criativas. Vinculados à retórica potente da indústria cultural, o mercado criativo passa a ser um setor estratégico no quadro da crescente competitividade econômica e territorial dada à escala global, estabelecendo-se a partir de alguns pontos em comum: geração de valor agregado às atividades culturais; atração de turistas, investidores e profissionais altamente qualificados para suas respectivas cidades-sede, atuando como catalisadores do desenvolvimento econômico e social. A cidade, que em seu processo de desenvolvimento sempre esteve ligada de uma forma ou de outra aos eventos culturais, passa agora a ser agenciada por um novo processo de competitividade: será preciso que cada uma delas construa uma identidade de marca que a agencie desde um produto cultural de fôlego econômico. Vinculado ao discurso da regeneração urbana, o mercado dos festivais culturais passa a criar a partir daí uma série de sentidos discursivos para consagrar a cidade em seu processo de incremento turístico e conseqüente construção de imagem de marca.

Não por acaso, uma rápida incursão na pesquisa bibliográfica sobre o tema dos festivais culturais leva-nos a constatar que uma boa parte dos trabalhos estão vinculados a assuntos como o da indústria do entretenimento, desaguando nas discussões das áreas do marketing (KITTLIN & YOO, 2014) e do turismo, enfatizando a análise de benefícios econômicos para uma dada localidade (GETZ, 2009), endossando os impactos econômicos dos festivais culturais (FERNÁNDEZ, 1996) ou, ainda, narrando as trajetórias e protagonismos de diferentes iniciativas na área para o

desenvolvimento local e para a promoção turística das cidades que os realizam (LOURENÇO & GOMES, 2005; TRASFORINI, 2002).

A cultura passa a ser percebida de forma definitiva como um importante setor produtivo ligado à competitividade das cidades no mercado da atração de investimentos, evidenciando-a como pauta de trabalho na agenda de inúmeras organizações internacionais. Por tudo isso é possível afirmar que para além do papel simbólico construído em torno de seus campos políticos e institucionais mais clássicos (BESANÇON, 2000), os festivais engendram hoje uma economia política essencialmente definidora da organização dos modos de vida urbanos, e por isso mesmo “não constituem-se mais necessariamente de um modelo artesanal de organização, baseado em características sociais e intelectuais de ciclos restritos, mas compõe-se sobretudo de modos de fazer mais complexos e de maior estrutura de produção” (GUERRA, 2010: 177). Isso implica, por exemplo, em falar de exposições com artistas mundialmente reconhecidos, festivais de música internacionais, circuitos transnacionais de espetáculos de teatro e dança e mostras de filmes sustentadas pelo élan das redes de interesse globalizados.

Retóricas Conjugadas

Os debates em torno da consolidação de marca, da ativação de uma identidade que seja reconhecível e financiável por empresas é objeto de discussão fundamental em cursos e tutoriais que ensinam como colocar em prática projetos na área cultural, “técnicas infalíveis para tornar seus sonhos de produção cultural realidade [...] e aceitáveis dentro dos padrões exigidos pelas leis de incentivo à cultura” (SIMPLA, 2016). Mais do que a coerência do cariz artístico e o papel estético-político de contestação inerente ao campo da cultura, o mais importante é estruturar um projeto que seja de apelo comercial e que concilie público alvo e interesses da empresa financiadora, num movimento de aproximação dos perfis dos expectadores aos perfis de consumo da marca. A grande maioria dos festivais de música em Portugal, por exemplo, renderam-se a praticar isso de forma extrema: mimetizaram seus nomes às marcas de empresas, a exemplo do Super Bock Super Rock e do EDP Cool Jaz. Não por acaso, a grande maioria deles estão associados a empresas do ramo da comunicação: MEO Sudoeste, MEO Marés Vivas, NOS Alive, NOS Primavera Sound, Vodafone Mexefest, Vodafone Paredes de Coura, entre tantos outros. O apelo discursivo de suas campanhas publicitárias apontam para alguns dos significados já atribuídos aos

festivais culturais anteriormente: fugacidade, efemeridade e sobreposição, alinhando-se de maneira direta com os hábitos de consumo de referência para o mercado de atuação das concessionárias deste setor de serviços.

A junção do título do evento – marca é a ilustração da conjugação de diferentes retóricas, e evidencia o poder de ancoragem expresso pela cultura na fidelização de público consumidor para este ou aquele produto. Este poder de enunciação pode incorporar a própria cidade: “De palco em palco a música mexe na cidade. Descubra a melhor música nova numa viagem cheia de surpresas por Lisboa”, como narra o teaser institucional da versão 2015 do Vodafone Mexefest. A ideia de movimento, imprevisibilidade e fugacidade une-se às demais peças de divulgação do evento, tal como é possível observar no material visual e textual de seu website oficial (VODAFONE MEXEFEST, 2015). Em geral, os materiais de divulgação de festivais como este estão associados a sobreposição de imagens, palheta dinâmica de tons e recusa de cores primárias, associando-se diretamente a alguns dos significados já atribuídos a estes eventos no primeiro ponto de discussão tomado por este ensaio. O festival passa a ocorrer não apenas no espaço da cidade em si, e desencadeia múltiplas subjetividades a partir do imaginário construído em torno de suas campanhas publicitárias.

Se tomarmos por referência uma escala maior de tempo, estes sistemas discursivos (presentes não só em torno dos festivais culturais, mas nas mais diferentes ações de desenvolvimento turístico, requalificação urbana e criação de produtos criativos) acabam por gerar uma “política restrita à transformação da cultura em produto a ser consumido por determinados grupos da sociedade” (KARA JOSÉ, 2007: 260), criando uma falsa retórica da pacificação urbana, “uma vez que implicam na extinção do espaço de conflitos, tão necessários para o desenvolvimento da consciência política e para o reconhecimento dos direitos, em prol de interesses hegemônicos” (*Ibidem*: 260).

Ainda a respeito do debate em torno das estratégias discursivas que envolvem a imagem dos festivais, é importante resgatar neste debate a analogia feita por Christine Boyer (1998) a respeito dos museus como sinônimos do exibicionismo. Segundo a autora, este e outros espaços de exposição pública institucionalizada enunciam-se a partir dos interesses do Estado em apresentar-se com senso de coesão, nacionalismo e pertença. Este mecanismo está relacionado com a reestruturação das economias ideológicas, e encontra nas chamadas disciplinas de exibição (*Ibidem*: 97) lugar

estratégico para manifestar-se como representação da oposição evolucionista (nós civilizados *versus* o outro primitivo). Ao funcionar como vitrine simbólica do poder, o museu reflete de maneira direta a cadeia de significação que vem sendo cada vez mais incorporada pelos festivais culturais.

Ressignificando o higienismo, a economia simbólica e os dispositivos retóricos anunciados tradicionalmente pelas grandes feiras e exposições mundiais (FERREIRA, 1998), os festivais culturais são hoje produtos nobres do mercado exibicionista, e por isso mesmo lançam mão de distintas retóricas que, conjugadas, os convertem em sinônimo de desenvolvimento econômico, criatividade, qualidade de vida, jovialidade e cosmopolitismo urbano – características distintivas da cidade contemporânea.

Retóricas em aberto

Mais do que fecharem-se em si próprios ou atuarem na construção de um mecanismo que possa encerrar os festivais culturais dentro deste ou daquele significado ou com esta ou aquela função dentro da dinâmica das cidades e dos modos de vida urbanos, todos os pontos apresentados neste ensaio tem o papel de abrir um debate que é por si só polissêmico, poroso e inacabado. Ao discutir as retóricas que anunciam, justificam e questionam os festivais culturais percebemos que elas representam na verdade o cruzamento de várias cadeias discursivas que operam na modelação dos ambientes socioculturais e modos de vida urbanos.

Resgatando Bennett *et al.* (2014) para um olhar mais ampliado, é possível dizer que a reinvenção constante dos formatos de eventos e os processos ininterruptos de festivalização da cultura ensejam-se hoje como expressões das novas formas de consumo do sistema capitalista, que tem como uma de suas questões fundamentais a garantia de eficácia do processo produtivo. Como algo de caráter efêmero pode funcionar como estabilizador de processos? O desafio de pensar os festivais culturais na ativação deste ciclo nos sugere uma resposta para esta questão paradoxal: na medida em que o novo precisa ser constantemente reinventado, pode ser possível entender melhor o papel ocupado pela fugacidade inaugurada pelos eventos modelo *Nuit Blanche*. Elas podem fazer do festival não uma ruptura, mas um fenômeno de continuidade da lógica de desenvolvimento das cidades baseada na efemeridade.

O espírito ritualístico de comunidade característico dos festivais pode colar-se, portanto, na fugacidade, na descontinuidade, na sobreposição de laços sociais. Embora possam não ter possibilidades de continuidade, a colagem de cenas e sociabilidades trazem em si próprias a condição de serem estabilizadoras da dinâmica social da cidade. Isso implica em dizer que eventos desta natureza assumem hoje um papel simbólico para o controle das contradições presentes no desenvolvimento do espaço urbano, na medida que apresentam-se em intervalos sociais validadores da exceção, seja pela sobreposição de atividades, seja pelo idílico manifesto no imaginário urbano, seja pela experiência-oásis e outras várias ações alçadas na batalha por experiências mais significativas.

Embora estruturam a partilha de interesses e espaços em comum, eles suscitam um tipo de relação descompromissada e descontínua com a cidade, veiculam experiências fugazes e ativam cenários que logo em seguida serão desmontados. Então, coloca-se aqui uma questão importante para pensarmos os significados sociais atrelados atualmente à sua figura totêmica: que senso de coletividade os festivais celebram atualmente?

A conjugação de todas as retóricas aqui apresentadas nos revelam pontos de partida importantes para pensarmos possíveis respostas ligadas direta ou indiretamente a esta questão: o caráter festivalizante assumido hoje pelas práticas culturais (BENNETT, 2014), os festivais como produtos nobres da indústria criativa (FERREIRA, 2010), a função de âncora turística presente nos grandes eventos (TRASFORINI, 2002), o papel de catalisador econômico da cultura (FERNÁNDEZ, 2006), o messianismo depositado nos projetos de requalificação urbana, os acoplamentos de imagem às empresas e capital privado, o poder simbólico e os jogos que envolvem todo o mercado da exibição (BOYER, 1998). Cruzamentos múltiplos que fazem dos festivais um objeto de investigação interessante para a refletirmos sobre o imaginário no desenvolvimento das grandes cidades e modos de vida urbanos. Questões e estratégias concretas que suscitam encontros, mediações e trocas ininterruptas, fazendo desses eventos um objeto retórico ainda em aberto.

Referências Bibliográficas

BENNETT, A.; TAYLOR, J.; WOODAWARD, I. *The Festivalization of Culture*, Farnham: Ashgate, 2014.

BOYER, M. C. (1998). *The City of Collective Memory. Its Historical Imagery and Architectural entertainments*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1998.

BESANÇON, J. *Festival de Musique – Analyse Sociologique de la Programation et de l’Organization*. Paris: L’Harmattan, 2000.

FERNÁNDEZ, M. D. El Impacto económico de los festivales culturales – El caso de la Semana Internacional de Cine de Valladolid. Madrid: Fundación Author, 2006.

FERREIRA, C. A exposição mundial de Lisboa de 1998: contextos de produção de um mega evento cultural. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 5, 1998. p. 43-67.

FERREIRA, C. Cultura e regeneração urbana: novas e velhas agendas da política cultural para as cidades. *Revista Tomo*, 16, 2010.

FOUCCROULLE, B. At the heart of European identities. In: AUTISSIER, A. M. (ed.). *The Europe of festivals: From Zagreb to Edinburgh, intersecting viewpoints*. Toulouse/St. Denis: Editions de l’Attribut, 2009.

FREY, B. S. *La economia del arte*. La Caixa, Colección Estudios Económicos, nº 18, Barcelona, 2000.

GETZ, D. The nature and scope of festival studies. *Internacional Journal of Event Management Research*, v. 5, n. 1, 2010. p. 1 – 47.

GREENBERG, R. *et al. Thinking about Exhibitions*. Nova York: Routledge, 1996.

GUERRA, P. *A instável leveza do rock: gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. Dissertação de doutorado em sociologia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

KARA JOSÉ, B. *Políticas Culturais e Negócios Urbanos. A instrumentalização da Cultura na Revitalização do Centro de São Paulo 1975-2000*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

RELATÓRIO KEA. *The economy of culture in Europa. Cultural access and participation*. Report European Commission. Directorate- General for Education and Culture, 2006. Acesso em: 1/maio/16. Disponível em: http://ec.europa.eu/culture/library/studies/cultural-economy_en.pdf.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2006.

LOURENÇO, V.; GOMES, R. T. *O Festival Estoril Jazz – Construção de uma imagem de marca*. Textype: Lisboa, 2005.

SIMPLA. Workshop: Elaboração de Projetos Culturais. *Simpla Web Site*, 2016. Acesso em: 1/jun./16. Disponível em: https://www.sympla.com.br/workshop-elaboracao-de-projetosculturais__64349.

TICKLE, L. Music festivals: the sound of escapism. *The Guardian*, 2015. Disponível: <http://www.theguardian.com/education/2011/jul/18/music-festivals-research>. Acesso em: 13/fev./2015.

TRASFORINI, M. A. The immaterial City – Ferrara, a Case Study of Urban Culture in Italy. In: CRANE, D. *et al. Global Culture. Media, arts, policy and globalization*. Nova York: Routledge, 2002.

UNESCO. *Creative Cities Network*, 2016. Disponível: <https://en.unesco.org/creative-cities/home>. Acesso em: 03 / jun / 2016.

VIRILIO P. *Guerra Pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo: Editora Braziliense, 1984.

VODAFONE MEXEFEST. *Web Site Oficial*, 2015. Disponível em: <http://www.vodafonemexefest.com>. Acesso em: 13 jan 2016.

WATERMAN, S. "Carnivals for elites? The Cultural politics of arts festivals". In: *Progress in Human Geography*, vol. 22, nº 1, 1998. pp. 54-74.